

UM TOQUE DE CARINHO

Daphna Renan

Michael e eu mal notamos quando a garçonete se aproximou e colocou os pratos em nossa mesa. Estávamos sentados em uma pequena lanchonete afastada do burburinho da Rua Três, em Nova York. Nem mesmo o agradável aroma dos blintzes (espécie de panqueca), colocados recentemente sobre a mesa, conseguiu desviar nossa atenção, e continuamos a conversar animadamente. Os blintzes ficaram mergulhados no molho por um bom tempo. Estávamos enlevados demais para pensar em comer.

Nossa conversa era animada e - por que não dizer? - profunda.

Rimos ao comentar o filme a que assistimos na noite anterior e discutimos o significado que havia por trás do texto que escrevemos para nosso seminário sobre literatura. Ele descreveu o momento em que deu um passo drástico rumo à maturidade quando se recusou a continuar sendo chamado de "Mikey" e passou a ser Michael. Teria ele 12 ou 14 anos? Michael não se lembrava. Só sabia que sua mãe começou a chorar e disse que ele estava crescendo rápido demais.

Quando, finalmente, demos uma mordida em nossos blintzes de blueberry (frutinha azul ou preta, de formato redondo), eu lhe contei sobre os blueberries que minha irmã e eu costumávamos colher quando visitávamos nossos primos no campo. Lembrei que quase sempre eu devorava minhas frutinhas antes de voltarmos para casa, e minha tia me advertia que eu poderia ficar com dor de estômago. É claro que isso nunca aconteceu.

Enquanto nossa agradável conversa prosseguia, meu olhar percorreu a lanchonete e parou em uma mesa de canto, onde havia um casal de idosos. O vestido de estampa florida que a mulher usava parecia tão desbotado quanto a almofada sobre a qual ela pousara sua bolsa surrada. O topo da cabeça do homem era tão liso quanto o ovo quente que ele mordiscava lentamente. Ela também comia em ritmo lento e monótono o seu mingau de aveia.

Porém, o que mais me chamou a atenção foi o silêncio aterrador que reinava entre eles. Tive a impressão de que existia um vazio melancólico naquela mesa. Enquanto a conversa entre mim e Michael, passava de risadas a sussurros, de confissões a afirmações, o silêncio comovente daquele casal era digno de nota. Que tristeza, pensei, não ter sobrado mais nada para dizer! Será que eles já haviam virado todas as páginas da história da vida de cada um? E se o mesmo acontecesse conosco?

Michael e eu pagamos a conta e nos levantamos para sair.

Quando passamos pelo canto onde o casal estava sentado, derrubei acidentalmente minha carteira no chão. Ao abaixar-me para pegá-la.

notei que, debaixo da mesa, a mão livre de cada um estava segurando carinhosamente a do outro. Eles estavam de mãos dadas o tempo todo!

Endireitei o corpo e recebi uma lição de humildade diante daquele gesto de afeto, simples, porém profundo, que eu acabara de ter o

privilégio de presenciar. O carinho com que aquele homem segurava a mão cansada da esposa preencheu não apenas o vazio que imaginei haver entre eles, mas o meu coração também. O silêncio entre eles não era do tipo constrangedor que ameaça preencher o vazio que se segue ao final de uma anedota contada no primeiro dia de namoro.

Não, o silêncio deles trazia o conforto, a tranquilidade e o carinho que não necessitam de palavras para serem expressos. Provavelmente, eles já estavam acostumados a passar essas primeiras horas da manhã juntos, e talvez o dia de hoje não estivesse sendo diferente do dia de ontem. Mas eles se sentiam em paz com isso e em paz um com o outro.

Talvez, pensei enquanto Michael e eu saíamos da lanchonete, fosse até bom que isso acontecesse conosco um dia. Talvez isso fosse encantador!